

1



Adriano de Souza de 450 pacientes alojados no bloco de internações do HBDF sofreram as consequências da falha.

costuma dar trabalho ao pessoal do 7º andar do Hospital de Base, onde recebe tratamento contra leucemia. Ontem de manhã, porém, ele rompeu com a rotina de docilidade e mostrava-se indiferente até mesmo aos encantos do carrinho com o qual costuma brincar. Se olhado a distância, Francisco até parecia tranquilo, sentado como um Buda no leito. Mas para quem se aproximava, os olhinhos inquietos e a respiração agitada denunciavam o desconforto da criança. É que pela primeira vez após a internação, Francisco experimentou uma sensação intragável: fome. O desjejum matinal, usualmente servido logo cedo, só chegou às 9h30. O motivo: pane no único

um problema que se arrasta há vários anos e transtorna ainda mais o cotidiano do maior hospital do DF, vítima de outros problemas crônicos, como a escassez intermitente de materiais cirúrgicos e medicamentos. Para quem estava chegando em busca de atendimento ou para dar sequência a tratamentos a manhã de ontem difficilmente vai ser esquecida. "Eu vim de Santa Maria com a minha filha para trocar esse catéter e agora não posso subir porque não tem elevador. Isso é um absurdo", esbravejou Francisca Bezerra, ao lado da filha Vanessa, de seis anos, que tem uma doença renal e estava desconsolada na cadeira de rodas que a mãe empurrava desesperada.

funcionamento da
passada.

Hospital vira

Descrever a cena como a antecipa-
sala do caos não soaria exagerado
como reconheciam (e denuncia-
vam) os funcionários do hospital.
Pacientes com cirurgias marcadas
ou exames por fazer, doentes que
chegavam em busca de aten-
dimento, médicos, enfermeiras
visitantes maldiziam as mazelas
do sistema público de saúde, des-
carregando sua impotência ante
um problema que parece insolú-
vel. "Nós temos até um defunto
para descer e não podemos fazer
nada porque não nos oferecem
menor condição de trabalhar com
dignidade", resumia a assistente
social Maria do Carmo Gomes.

Nos 11 andares do bloco de
internações, as mesmas cenas se
sucediam numa frequência ver-
gonhosa: sacos de lixo e materiais
de expurgo empilhados nos cor-
redores ou nas salas; e paciente
deitados em macas junto à porta
do elevador que não vinha.

Com a pane nos elevadores, os
funcionários priorizaram a al-

anças, num esquema lento e cansativo que provocou atrasos e reações. O médico Antônio Alves

nutenção sistemática, ocorrida no final de setembro, quando expôs o contrato com a empresa responsável pelo serviço. Atendendo a uma determinação do Tribunal de Contas do DF, que proíbe a assinatura de contratos de prestação de serviços no final de um exercício, a direção do hospital foi obrigada a adiar sua vigência para janeiro do próximo ano, com validade até dezembro.

sagao do predio, atulhado de caçambas com roupas e lençóis de cama para troca.

nte-sala do caos

diretor do sindicato da categoria e do Sindisaúde, disse que a falta dos elevadores é apenas um dos sintomas da agonia dos hospitais públicos. E mesmo com esse elevador funcionando, nós temos um grande risco de infecções porque ele é usado tanto para o transporte de pacientes e funcionários como para levar refeições e remédios e remover o lixo", ressaltou o médico.

Os elevadores do HBDF são os mesmos desde que o hospital foi fundado, em 1960. As panes têm sido constantes, fazendo com que, dos seis existentes, apenas quatro funcionem ao mesmo tempo. Há cerca de um mês funcionários, pacientes e médicos estavam sendo obrigados a se contentar com o funcionamento de dois; isso até sexta-feira passada, quando apenas um resistiu à sobrecarga de utilização. Esse "sobrevivente" pifou por volta das 23h de quarta-feira, prenunciando o caos da manhã de ontem. O sufoco só terminaria pouco antes

ído à burocracia

um elevador, eu seria obrigado a desativar os leitos ocupados por pacientes que pudessem receber alta, sem aceitar novos pacientes", explicou o diretor.

A pressão surtiu efeito: a firma vencedora da licitação para prestar serviços a partir de janeiro vai assumi-la também durante o período até o final do ano, recebendo pagamento por serviços prestados. Ele garante que os riscos de infecção pelo uso indiscriminado de um só elevador, nos últimos seis dias, foram evitados com a fixação de horários diferenciados para diversas atividades.

Lairon Rabelo diz que, a manutenção é dificultada pelo grande número de pessoas que os utilizam. São cerca de quatro mil funcionários centenas de pacientes e visitantes, num total que, segundo ele, chega a oito mil pessoas circulando todos os dias no bloco de internações do HBDF. Quanto à falta de medicamentos e outros materiais de uso intensivo, ele disse que o

problema é cíclico e reflete os efeitos da burocratização do sistema de saúde público.